DESPERTANDO VOCAÇÕES: REFLEXÕES SOBRE O ANO VOCACIONAL

Ir. Clóvis Trezzi, fsc

Vocações existem, elas só precisam ser despertadas (Dom José Roberto Fortes Palau).

O momento vocacional na Igreja pode ser considerado por muitos como um tempo de "silêncio de Deus". Parece que há cada vez menos jovens interessados na vida religiosa ou eclesiástica. Isso acontece justamente na época da história em que a população nunca foi tão grande no mundo e, somado a isso, nunca houve tantos jovens – e provavelmente nunca mais haverá, já que a tendência é que a população mundial continue crescendo por mais alguns anos e depois decresça, ao mesmo tempo em que a expectativa de vida é cada vez maior e o número de mortes violentas de jovens também vem aumentando assustadoramente, o que representa um envelhecimento da população.

Podem ser somados a isso ainda dois fatores: a crescente secularização do mundo e o desinteresse, também crescente, pela Igreja enquanto instituição. Numa relação aparentemente contraditória, mais e mais as pessoas parecem buscar apoio espiritual e vemos, nas paróquias, diversos jovens engajados em pastorais, especialmente na animação litúrgica e em grupos como CLJ e tantos outros, especialmente os ligados à RCC. Ao mesmo tempo, as novas comunidades de vida têm uma procura muito grande por jovens ansiosos por experimentar uma realidade cristã

mais radical – em diversas delas, com uma alta rotatividade de pessoas devido à pouca perseverança. Como explicar este fenômeno? Estaríamos de fato diante de um "silêncio de Deus" no que se refere ao chamado? Ou seria uma realidade dos novos tempos, do fenômeno chamado de "pós-modernidade", marcado por uma série de características que afetam profundamente o ser humano e a sua capacidade de tomar decisões?

A modernidade líquida e sua influência sobre a fé

Não é possível separar o ser humano da realidade em que ele está inserido historicamente. Da mesma forma que se pode dizer, como Rousseau, que o ser humano sofre influência da sociedade, afirma-se que a sociedade é constituída por seres humanos que a fazem assim como é. Dito isso, se pode afirmar que é, em parte, descabida a reflexão que muitas vezes se faz de que os problemas da atualidade são culpa das características da pós-modernidade. Digo "em parte", porque foi o próprio ser humano moderno que moldou estas características, das quais agora sofre influência.

Assim, a modernidade, que começou mais ou menos no século XV, abriu espaço para a pós-modernidade, que, em termos religiosos, herdou todas as características da secularização do final do século XVIII e continuou crescendo até o começo do século XX. Somando-se a isso, estão os distintos elementos que foram sendo incorporados à fé cristã, que pertencem à chamada *New Age* ou Nova Era (que, nos anos 90, dizia-se que tinham potencial para acabar com a religião) e as outras características dos seres humanas na pós-modernidade (ou modernidade líquida): individualismo,

decisões tardias, dificuldades em assumir compromissos permanentes, polarização de ideias, confusão de sentimentos, relativização, etc. Todos estes elementos, entre outros, têm profunda influência sobre a questão da fé. É errado dizer que o século XXI é o século da razão. Este século é o da confusão de sentimentos. As pessoas já não sabem mais identificar o que sentem e o que fazer com estes sentimentos. E a fé (e a vocação, que é uma questão de fé) depende essencialmente do sentir Deus, mais do que do pensar Deus; assim, esta confusão, típica de uma sociedade que vive em um mundo denominado líquido, de acordo com o conceito de Bauman, e que assume as características deste mundo. E quando assume estas características, o faz em todas as dimensões, inclusive na dimensão da fé.

Para falar de vocação neste ambiente, então, é preciso tomar cuidado para não se deixar levar pelos relativismos típicos da época em que vivemos e, ao mesmo tempo, prestar atenção aos símbolos que estão presentes no mundo contemporâneo, e que atingem muito facilmente os jovens.

O que a Igreja tem feito

Dentro dessa compreensão, de que o mundo muda e, junto com ele, as pessoas e as instituições, a Igreja tem procurado, nas últimas décadas, ser sinal da presença de Deus entre os jovens, buscando a construção de uma *cultura vocacional*. Desde 1983, quando foi celebrado o primeiro ano vocacional, sucederam-se os congressos e outras atividades com o fim de atingir mais diretamente as juventudes.

Desenvolver uma cultura vocacional não é fácil. Ela supõe que todo o fazer e o pensar da Igreja sejam vocacionais. Assim, falar em vocação torna-se algo natural e, ao mesmo tempo, os próprios vocacionados, sejam eles consagrados ou não, sejam propagadores, por meio de suas palavras e ações, das vocações. Além disso, faz com que todos os batizados se sintam vocacionados e responsáveis pela vida da Igreja.

Dessa forma, a palavra vocação deixa de ser direcionada apenas para alguns grupos dentro da Igreja, como os Padres, as Irmãs e os Irmãos, e é reconhecida como o chamado de Deus para todos os cristãos. Todos somos herdeiros de Cristo, e, portanto, todos somos chamados a viver o Reino aqui e agora, e essa vivência acontece em diferentes formas.

Ao proclamar o ano vocacional, a Igreja quer trazer esta reflexão para todos. Desde 1983, foram dois anos vocacionais (1983 e 2003) e três Congressos Vocacionais (1999, 2005 e 2010). Todas essas atividades tiveram por objetivo, com sucesso, continuar a refletir sobre a dimensão vocacional na Igreja. Pode-se afirmar que foi "com sucesso" porque, mesmo com o decréscimo no número de ingressantes nas casas de formação e seminários, o assunto continua vivo nas nossas comunidades e estamos ainda lutando para não passar pela mesma situação de países europeus, nos quais já não há jovens interessados na vida religiosa e sacerdotal.

Além disso, nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, a CNBB reafirma: "a *pastoral vocacional* se torna prioritária neste novo momento da história da evangelização,

colaborando para suscitar e acompanhar vocações para o serviço da comunidade e para a atuação profético-transformadora da sociedade" (DGAE 2015-2019, n. 106).

Por tudo isso, o compromisso da Igreja com as vocações tem se mostrado muito forte, embora ainda seja necessário trabalhar mais para chegar mais diretamente aos jovens, tanto no que se refere à vocação sacerdotal e à vida religiosa, quanto à de leigo comprometido.

O 4º Congresso Vocacional

O ano de 2019 será marcado pelo quarto Congresso Vocacional, que acontecerá em Aparecida, de 5 a 8 de setembro, com o tema "Vocação e discernimento" e o lema "Mostra-me, Senhor, os teus caminhos" (Sl 25,4). O que transparece com este tema é uma ideia que vem sendo difundida nos últimos tempos que é a ideia de itinerário vocacional. Pensar a vocação a partir do discernimento é um passo a mais no processo de reflexão vocacional feita pela Igreja. Vejamos: o primeiro Congresso, em 1999, trabalhou a questão das motivações vocacionais a partir das quatro etapas: despertar, discernir, cultivar e acompanhar. Estas quatro etapas por si sós configuram um itinerário, mais voltado, contudo, para a pessoa do animador. Mas elas foram fundamentais para o desenvolvimento de todo um novo processo de pastoral vocacional no Brasil. O segundo congresso, em 2005, começou a discutir o discernimento a partir das relações, destacando o valor da pessoa, a partir da sua subjetividade, focando também nos processos de planejamento e organização da pastoral vocacional. O terceiro, em 2010, acolheu o Documento de Aparecida, analisando

as vocações no contexto próprio do vocacionado, o que contribuiu significativamente para o fim dos "redutos vocacionais", e fortalecendo a questão do pluralismo vocacional, ou seja, a compreensão de que em todos os contextos existem vocações e que elas devem ser trabalhadas a partir do contexto em que surgem. Essa ideia revolucionou, de alguma forma, a animação vocacional, descentralizando as atividades e permitindo a existência de uma riqueza imensurável com a diversidade cultural. O tema deste Congresso foi o discipulado, considerando o batismo como fonte de todas as vocações.

Ao trabalhar a questão do discernimento, o quarto congresso dá sequência a este itinerário vocacional, mostrando que não se desenvolve nenhuma vocação de maneira isolada, mas sempre dentro de um contexto e de um processo. A pastoral vocacional, desde o primeiro congresso, não é mais o antigo recrutamento, mas um processo sistemático no qual o discernimento ocupa um lugar central, pois ele vai acontecendo durante toda a vida.

O texto bíblico de Jo 14, escolhido para servir como inspiração para o Congresso, mostra os discípulos numa certa crise, pois ainda, já na última ceia, não haviam conseguido compreender quem era de fato Jesus. Já começavam a perceber que logo teriam que caminhar pelas próprias pernas, sem a presença física de Jesus a tomar as decisões, e isso os assustava, e não sabiam para onde ir. Começava aí um processo de discernimento vocacional que partiu de um itinerário de alguns anos junto com Jesus. A reflexão sobre o discernimento traz à luz a ideia de que o

vocacionado não pode ser sempre uma pessoa dependente, mas que precisa dar cada vez mais passos para que o crescimento aconteça.

A ideia do discernimento vocacional à luz de João 14 leva o vocacionado a perceber que para dar uma resposta significativa ao chamado de Deus é preciso primeiro conhecer Jesus. Reafirmando a ideia do Batismo como fonte de todas as vocações, o Congresso mostra que, para o cristão, saber quem é Jesus, ou seja, conhecer a quem está dedicando a sua vida, é fundamental. Não se pode seguir qualquer coisa: numa perspectiva de itinerário vocacional, conhecer antes o caminho a seguir fortalece o processo de discernimento. Parece que, nos próximos anos, não há muita esperança de vermos, como era há muitos anos, os seminários e casas de formação cheias. O que precisamos, para o século XXI, é de padres, religiosos e leigos conscientes de sua vocação e missão, e para isso é preciso um bom processo de discernimento vocacional.

Conclusões

Não é verdade a premissa levantada no começo deste texto de que haja um "silêncio de Deus" no que tange à dimensão vocacional. Alguns até podem pensar assim, mas a verdade é que houve uma mudança de época, que veio junto com uma mudança de mentalidade. Portanto, Deus não silenciou, ou não deixou de chamar; o que mudou foi a maneira como as pessoas passaram a encarar a ideia de vocação e de religião no século XXI.

Ao assumir uma postura firme em relação às vocações, recordando o atual projeto "Cada comunidade uma nova vocação", a Igreja mostra aos fiéis que está sempre preocupada com o

despertar vocacional; mas, mais do que isso, está preocupada com todo o itinerário que vem a seguir, que leva a formar pessoas maduras para assumir com coragem a sua fé. A oração pelas vocações, pedida pelo Papa Francisco, ainda trabalha com a perspectiva de arrebanhar jovens para os seminários e as casas de formação, o que também é necessário. É importante que a Igreja se dê conta de que uma nova vocação em cada comunidade não é suficiente; é necessário que, em cada comunidade, todos os fiéis sejam e se sintam vocacionados, e todos sejam parte desse grande itinerário vocacional.

Portanto, nada mais pertinente que perceber, na Igreja do Brasil, iniciativas como os anos vocacionais, que se sucedem num espaço mais longo de tempo, e os Congressos Vocacionais, que acontecem nos intervalos entre um ano vocacional e outro, e ocorrem com mais frequência. O ano vocacional serve para trazer luzes e reavivar a chama da vocação, ao passo que os congressos vocacionais aportam ideias novas e elementos práticos para que a animação vocacional aconteça de maneira efetiva e possamos ter vocacionados livres, maduros e conscientes de sua vocação/missão.

Oxalá possamos dar passos mais significativos em direção a uma cultura vocacional que seja direcionada a todos os cristãos batizados, compreendendo o batismo como fonte de todas as vocações.

Para dialogar:

1. Como criar uma cultura vocacional em um mundo marcado pelo pluralismo?

2. Quais são os grandes desafios que a Igreja precisa encarar para lidar com a questão das vocações?

3. Na sua comunidade, na sua paróquia, o que se pode fazer para criar e alimentar uma cultura vocacional?